Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

O Dia em que Matei a Existência de Deus: reflexões sobre a produção de uma crônica utilizando o ChatGPT

Raissa Araújo Gomes (Lumière Dourados)

https://orcid.org/0009-0005-5670-4263

profraissaraujo@gmail.com

Ednei Nunes de Oliveira (UFRB)

https://orcid.org/0000-0001-8464-4687

edneioliveira@ufrb.edu.br

Resumo: *A Inteligência Artificial (IA) tem ganhado protagonismo ao transformar e, em muitos casos, perturbar rotinas produtivas — desde aquelas de indivíduos comuns até as de profissionais e intelectuais. Este artigo tem por objetivo analisar, na crônica "O Dia em que Matei a Existência de Deus", produzido por meio de prompts direcionados à IA ChatGPT, os elementos narrativos e estilísticos, identificando as marcas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade na construção de personagens, ambientação e condução narrativa. No trabalho, serão apresentadas tanto a versão-roteiro como também sua respectiva reescrita. Metodologicamente, por tratar-se de um trabalho fundamentado no processo de produção, reescrita e análise textual, a pesquisa classifica-se como qualitativa, de caráter descritivo-analítico e com abordagem comparativa. Espera-se que os resultados despertem o interesse e a curiosidade de professores, editores e pesquisadores, tanto nas áreas de ensino de línguas quanto nas investigações sobre a aplicação da Inteligência Artificial no contexto educacional.*

Palavras-chave*: Inteligência Artificial. Produção Textual. Literatura; Ensino.*

Abstract*: The Artificial Intelligence (AI) has gained prominence by transforming and, in many cases, disrupting productive routines — from those of ordinary individuals to those of professionals and intellectuals. This article aims to analyse,*

in the short story "The Day I Killed the Existence of God"*, produced through prompts directed to the AI ChatGPT, the narrative and stylistic elements, identifying the marks of Machado de Assis and Carlos Drummond de Andrade in the – construction of characters, setting, and narrative development. The work presents both the script-version and its respective rewritten version. Methodologically, as it is a study grounded in the process of text production, rewriting, and analysis, the research is classified as qualitative, with a descriptive-analytical character and a comparative approach. The results are expected to spark the interest and curiosity of teachers, editors, and researchers, both in the field of language teaching and in investigations into the application of Artificial Intelligence in the educational context.*

Keywords: *Artificial Intelligence. Text Production. Literature. Teaching.*

1 INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XXI, a presença da Inteligência Artificial (IA) nos processos de criação e circulação de textos deixou de ser mera curiosidade tecnológica para se tornar um elemento de transformação efetiva no campo da produção discursiva. Entre assistentes virtuais, tradutores automáticos e modelos generativos de linguagem, como o ChatGPT, observa-se um deslocamento significativo no papel do autor humano, que passa a atuar não apenas como produtor, mas como curador, mediador e estrategista de comandos — os chamados prompts — capazes de orientar a máquina em direção a um resultado textual desejado.

No contexto acadêmico e literário, esse fenômeno suscita questões tanto de ordem técnica quanto estética: em que medida a IA é capaz de assimilar e reproduzir marcas estilísticas próprias de autores consagrados? Até que ponto sua atuação pode dialogar com as tradições narrativas e poéticas, criando textos que, sem abdicar da lógica algorítmica, preservem camadas de sensibilidade, ironia e densidade interpretativa?

Este trabalho parte justamente desse ponto de interrogação para apresentar e analisar a crônica "O Dia em que Matei a Existência de Deus", produzido a partir de um roteiro detalhado e de instruções específicas fornecidas ao ChatGPT. O objetivo é identificar, na materialidade do texto, traços narrativos e imagéticos que remetam às obras de Joaquim Maria Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, observando como a IA se apropria de recursos como a ironia crítica, a introspecção psicológica e a poeticidade do cotidiano.

Ao longo da análise, busca-se não apenas descrever o funcionamento técnico do processo de geração textual, mas também refletir sobre o potencial pedagógico e investigativo dessa prática. Ao trazer para o espaço de discussão acadêmica um produto literário mediado por IA, o estudo pretende oferecer subsídios para a compreensão das novas dinâmicas de autoria e para o debate sobre o papel dessas ferramentas no ensino, na pesquisa e na criação artística.

2 O TEXTO GERADO PELO CHATGPT – PRODUTO PARA ANÁLISE

O Dia em que Matei a Existência de Deus

ChatGPT, (2025)

Stevenson girava a caneta entre os dedos com a aplicação de quem afiava uma lança para um torneio invisível. Quando ergueu a mão, fez-se aquele silêncio cheio de olhos semicerrados: era consenso tácito que dali poderia vir uma dúvida honesta ou um projétil disfarçado.

— Professora Sara, Deus é substantivo concreto ou abstrato? — perguntou, com um sorriso misto de candura e provocação, desses que o santo não reconhece e o diabo aplaude.

A escola, em certos dias, é um navio velho que cumpre tabela de viagens; noutros, raros como eclipses, uma pergunta abre o velame e obriga a tripulação inteira a mudar de rota.

A manhã, naquela terça de luz pálida, não prometia mais que o trivial: nuvens preguiçosas sobre o pátio, cheiro de giz misturado ao desinfetante, mochilas balançando num ombro só, risos de corredor e os casais colados às paredes, trocando palavras que talvez fossem segredos ou apenas repetições de novelas.

A sala 302 estava aberta, convidando o ar poeirento a entrar. O professor titular de Língua Portuguesa — homem de bigode rigoroso e humor regulado a doses de café — faltara por motivos de saúde. Em seu lugar, estreava Sara, substituta recém-formada, pasta cor-de-vinho debaixo do braço e aquele sorriso treinado que queria ser bem-vindo, mas que traía, no fundo, a sombra tímida do nervosismo.

Stevenson, estrategista da terceira fileira, tinha por hábito observar como quem coleciona gestos. Filho de pastor metodista, fora criado sob as réguas da Escritura e do sermão doméstico, mas aprendera cedo que o silêncio também é arma — guardava perguntas no bolso como pedras de estilingue.

— A palavra "Deus", embora designe um ser supremo, classifica-se como concreta — respondeu Sara, num tom que buscava a gramática como escudo contra a teologia.

Mal concluiu, e Anne já abria fogo: cabelos castanhos presos num coque frouxo, voz firme, olhos acesos de quem gosta de testar cercas. Falou do tio ateu, das distinções entre física e metafísica, e perguntou se Deus, invisível e intangível, não caberia melhor no segundo departamento.

Sara tentou sustentar o fio didático — concretos têm existência própria; abstratos dependem de outro ser —, mas George, decano involuntário de vinte anos e repetências calculadas, inclinou-se no encosto e jogou seu petardo digital: — Acho que Deus é virtual. Presente só para quem tem o software certo.

Madisson, sentada no fundo, roupas escuras e mechas azuis que já foram de outras cores e outros humores, ergueu a mão: — Nunca senti Deus. Senti vento, frio, música. Não Ele. Talvez seja mesmo um perfil sem foto.

Foi então que Tommy, leitor silencioso de óculos finos, filho de advogado e amigo das dúvidas bem formuladas, soltou sua sentença: — Deus é invenção humana, como o Saci. Não acredito. Penso.

Os risos zombeteiros vieram do canto habitual, mas Sara, num gesto de freio, pediu respeito. E, talvez por impulso íntimo, revelou sua própria fé, catequista desde a adolescência, convicta de que há um "verdadeiro caminho".

Anne reagiu como quem vê a brecha perfeita: — Isso é exclusão, professora.

E Tommy arrematou, com a frieza de quem está acostumado ao tribunal: — Dizer que há um único caminho é, de algum modo, fechar todos os outros.

O ar adensou-se, como céu prestes a despencar. As falas se atropelavam: Stevenson entrou no jogo, George sorria como quem assiste a um código travar, e Madisson absorvia tudo, talvez já compondo um poema sombrio.

Então o sinal — metálico, implacável — cortou o fio do debate.

Sara sorriu de alívio, despediu-se com formalidade, e cada um recolheu suas armas. Mas, ao sair, este narrador — que se esconde entre carteiras para ouvir melhor — pensou que ninguém, de fato, matara Deus naquela manhã. O que fora ferido era apenas a pretensão de que Ele pudesse escapar ileso de qualquer pergunta.

O resto, meus caros, ficaria rodando no fundo da memória — como um programa invisível, pronto para reaparecer ao menor clique.

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O TEXTO GERADO PELO CHATGPT

A elaboração de textos acadêmicos tende a apresentar menor grau de complexidade para indivíduos com formação superior e familiaridade com a produção e a pesquisa no âmbito científico. A escrita literária, entretanto, demanda requisitos adicionais, como perspicácia, inspiração, criatividade, sensibilidade, criticidade, sagacidade e a capacidade de romper com o senso comum, entre outras qualidades e virtudes observadas em diversos escritores de prosa e poesia, tanto no cenário brasileiro quanto no internacional.

A partir de conhecimentos básicos de produção textual e mediante o uso de ferramentas de inteligência artificial, é possível, por meio de prompts de comando e de um roteiro previamente elaborado, produzir textos que reproduzam características estilísticas de grandes autores, abrangendo desde os clássicos até representantes da literatura contemporânea.

2.1.1 Escritores e seus estilos

No presente trabalho, de caráter simulatório e reflexivo, foram selecionados dois escritores consagrados, representantes de escolas literárias e gerações distintas: Joaquim Maria Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.

Machado de Assis consolidou um modelo narrativo em que a ironia atua como instrumento crítico, e o narrador se posiciona de forma consciente quanto à sua mediação, estabelecendo diálogo direto com o leitor. Sua abordagem revela aspectos profundos da condição humana, expondo contradições sutis, como se observa em Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro. Suas personagens frequentemente expressam ideias dissonantes em relação à ordem social vigente, criando tensão dramática e intelectual.

Drummond, por sua vez, tanto na prosa quanto na poesia, constrói um olhar atento ao cotidiano, investindo em imagens concretas e em cenas aparentemente triviais, mas carregadas de significado. Obras como Alguma Poesia e Boitempo evidenciam que a materialidade do dia a dia pode adquirir dimensão poética, mediante descrições simples, porém impregnadas de subjetividade.

2.1.2 A Crônica

A crônica “O Dia em que Matei a Existência de Deus” apresenta uma situação aparentemente banal — uma aula de revisão de morfologia — que se transforma em arena de debate filosófico e existencial. O texto se constrói na interseção entre duas matrizes estéticas: a ironia fina e a penetração psicológica machadianas, e a sensibilidade poética e imagética de Carlos Drummond de Andrade.

2.1.3 Narrador

O narrador da crônica é onisciente moderado, mas não neutro. Há comentários que revelam cumplicidade com o leitor (“menos fé que uma pedra”) — recurso machadiano —, ao mesmo tempo que surgem descrições líricas e sensoriais, próprias de Drummond (“nuvens preguiçosas”, “pasta cor-de-vinho”).

2.1.4 Personagens e psicologia

A caracterização das personagens na crônica combina, de modo singular, a acuidade psicológica própria de Joaquim Maria Machado de Assis com a densidade imagética e sensorial de Carlos Drummond de Andrade. Cada figura é construída não apenas por meio de ações e diálogos, mas também pela forma como o narrador observa e comenta suas atitudes, revelando camadas internas e sugerindo trajetórias de vida que ultrapassam o momento narrado.

Assim, a análise das personagens a seguir busca evidenciar como ironia, introspecção e lirismo se entrelaçam, compondo perfis que, embora situados no espaço escolar, adquirem relevância universal ao refletirem conflitos humanos atemporais.

- Stevenson: provocador cordial, alinhado à ironia machadiana, mas carregado de metáforas poéticas (“perguntas como pedras no bolso”), marca drummondiana.
- Sara: professora substituta insegura, figura vulnerável machadiana, com descrição lírica e quase pictórica.
- Anne: lógica combativa de Machado, mas memória afetiva construída com detalhes sensoriais de Drummond.
- George: ironia descritiva machadiana (“decano” aos 20 anos no colégio) e metáforas tecnológicas drummondianas.
- Madisson: racionalidade cartesiana de Machado, estética visual e simbólica de Drummond.
- Tommy: ceticismo calculado machadiano, mas enquadrado num retrato contemplativo drummondiano.

2.1.5 Tempo e ambientação

A narrativa se ancora em um tempo presente contínuo, marcado por descrições detalhadas do espaço escolar. O cenário é construído com precisão quase cinematográfica, unindo a observação machadiana do microcosmo social à poesia de Drummond na representação de elementos comuns (giz, papel, luz pálida).

2.1.6 Temática e conflito

O tema central é a confrontação entre fé, dúvida e linguagem, mas a condução privilegia o diálogo aberto, sem resolução definitiva. Machado contribui para o jogo dialético e a relativização de certezas; Drummond oferece o pano de fundo emocional e as imagens que suavizam a aridez conceitual.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO TEXTO (RE)ESCRITO

Ao se observar a crônica “O Dia em que Matei a Existência de Deus”, é possível reconhecer uma tessitura narrativa que, embora fruto de prompts direcionados à Inteligência Artificial ChatGPT, carrega traços que remetem ao lirismo introspectivo de Carlos Drummond de Andrade e à ironia sutil e crítica de Joaquim Maria Machado de Assis. A produção se revela, assim, como um terreno fértil para pensar o ensino da produção textual a partir de práticas interdisciplinares e mediadas por tecnologias digitais.

Do ponto de vista estilístico, percebe-se que a crônica constrói atmosferas com descrições densas e sensoriais, como se cada detalhe do espaço escolar fosse um “cenário dramatúrgico” que antecipa a tensão dialógica.

A escolha por narrador onisciente, mas não neutro, aproxima-se da técnica machadiana de sugerir ao leitor a própria interpretação, enquanto o olhar lírico e quase cinematográfico em certas passagens evoca a poética drummondiana da vida comum. Aqui, pode-se lembrar que, para Bakhtin (1997), “toda palavra é orientada para o outro”, e a narrativa, ao entrecruzar múltiplas vozes (professora, alunos, narrador), constrói um polifonismo no qual a verdade é sempre provisória e contestada.

No campo temático, a narrativa tensiona os limites entre fé, ciência, filosofia e linguagem, transformando a sala de aula em um espaço de debate que se aproxima da noção de “círculo de cultura” de Paulo Freire (1987). A provocação inicial de Stevenson — “Deus é substantivo concreto ou abstrato?” — desestabiliza a linearidade da aula e insere o elemento problematizador, essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico. Aqui, a escrita, mesmo mediada pela IA, demonstra como a literatura pode ser utilizada como recurso pedagógico para provocar deslocamentos e ampliar repertórios.

Na perspectiva da produção de textos no ensino, a experiência dialoga com o que Antunes (2003) propõe: escrever é um ato social, situado, que se realiza em contextos concretos e com propósitos definidos. O uso do ChatGPT para gerar e reelaborar a narrativa pode ser compreendido à luz das práticas de letramento digital (Rojo, 2012), nas quais, a autoria se dá em parceria entre humanos e máquinas, exigindo novas competências — de curadoria, edição e reescrita — por parte do professor e do aluno.

No campo da análise literária, a construção das personagens apresenta-se como um mosaico de identidades, cada qual marcada por um ethos discursivo específico: Stevenson e sua inquietação intelectual; Anne e seu ceticismo herdado; George e sua mediação tecnológica; Madisson e seu empirismo sensorial; Tommy e sua lógica argumentativa. O confronto de perspectivas ecoa a noção de dialogismo bakhtiniano e também as reflexões de Chartier (1990) sobre como os leitores (ou ouvintes) se apropriam e ressignificam o discurso.

Do ponto de vista tecnológico-pedagógico, a inserção de metáforas digitais na fala de George (“Deus como realidade virtual”) representa um exemplo de como as experiências e referências culturais dos alunos atravessam o conteúdo escolar. Kenski (2012) aponta que a integração de tecnologias digitais no ensino não é apenas questão de instrumentalização, mas de ressignificação dos modos de pensar e de aprender. Neste caso, a própria narrativa se torna um espaço de experimentação para esse hibridismo, mesclando códigos literários e digitais.

A análise da versão gerada pela IA também nos convida a refletir sobre o papel do professor como mediador crítico. Tal como destaca Lévy (1999), as tecnologias digitais potencializam a inteligência coletiva, mas exigem curadoria ética e pedagógica. Ao utilizar a IA na produção textual, o professor precisa orientar para que o resultado não seja mero produto automatizado, mas sim ponto de partida para processos autorais, comparativos e reflexivos, como o que este estudo propôs ao cotejar o roteiro original e a reescrita.

Por fim, é relevante sublinhar que a narrativa, ao articular literatura, debate filosófico e linguagem digital, cumpre um papel duplo: de um lado, ilustra possibilidades criativas no ensino de Língua Portuguesa; de outro, oferece um exemplo prático de como a IA pode ser incorporada à produção textual sem substituir a dimensão humana do texto, mas ampliando-a por meio da coautoria e da reflexão crítica.

4 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS POR MEIO DE PROMPTS

Esta seção não tem o objetivo de discutir criticamente o processo de produção textual a partir de prompts no ChatGPT, mas sim demonstrar de forma descritiva como tal processo é desenvolvido. É importante salientar que o ChatGPT, assim como qualquer outra tecnologia baseada em inteligência artificial, não “infere” ou “adivinha” o objetivo de seu usuário. Portanto, quanto mais claros e bem definidos forem o contexto e as instruções fornecidas, maior será a proximidade do texto gerado em relação àquilo que o usuário pretende.

Nesse sentido, a função comunicativa que orienta a interação entre usuário e ChatGPT envolve, de maneira direta, a relação entre emissor e receptor (Jakobson, 191)— ou seja, entre quem elabora a solicitação e quem a recebe e processa. Para que a utilização dessa IA seja eficaz, é necessário fornecer instruções claras, específicas e estrategicamente estruturadas, de modo a permitir que o sistema produza o conteúdo esperado.

Sob a perspectiva de uma “oficina de escrita”, o prompt pode ser comparado a um briefing[7] destinado ao autor: quanto mais preciso e detalhado for esse briefing, mais satisfatório será o resultado textual.

A seguir, apresentam-se as etapas observadas, inicialmente, no processo de escrita do texto do roteiro, ou breafing, que possibilitou a (re)escrita da crônica “O Dia em que Matei a Existência de Deus”, pelo ChatGPT.

[7] Briefing é um documento que fornece todas as informações essenciais para a criação de um projeto, como um livro, artigo ou roteiro. Ele serve como um guia para o autor, garantindo que ele compreenda os objetivos, público-alvo, estilo desejado, tom, e outros detalhes relevantes do projeto.

Etapas para a Elaboração de um Roteiro de Produção de Texto

a) Definição do objetivo – perguntou-se, antes de escrever o prompt:

- O que quero produzir? (crônica)
- Qual é o público-alvo? (comunidade acadêmica)
- Qual é o tom desejado? (literário)
- Há restrições ou formatos? (estilo de Machado de Assis e Drummond)

b) Escrita do comando – deu-se instruções detalhadas e de forma clara:

- Como tínhamos o roteiro (ou Briefing), a instrução resumiu-se a solicitar a escrita de uma crônica narrativa, no estilo de Machado de Assis e Drummond, a partir do arquivo enviado em anexo.

c) Especificação de detalhes – incluíu-se no prompt informações sobre:

- Formato: crônica.
- Ponto de vista: narrador onisciente, tom crítico, irônico.
- Estrutura: texto narrativo sem seções.
- Estilo: dos autores consagrados.

d) Etapas e iterações – solicitou-se o texto em partes:

- Primeiro, um esboço ou estrutura.
- Depois, o desenvolvimento de cada seção.
- Por fim, a revisão para clareza, coesão e correção gramatical.

Cumpridas essas etapas, tornou-se possível a elaboração do *briefing* e a definição do *prompt* adequado para que o ChatGPT realizasse a (re)escrita da crônica. Ressalta-se que é viável que interessados na produção textual utilizem a inteligência artificial tanto para a redação quanto para a revisão do roteiro. A seguir, apresenta-se o roteiro empregado na produção do texto literário que constitui o objeto de análise desta pesquisa.

Roteiro para produção da crônica

a) Cena inicial – Clima da escola

- Terça-feira comum, rotina escolar.
- Descrição sensorial do pátio, corredores e sala de aula.
- Professora substituta Sara chega para lecionar Língua Portuguesa.

b) Apresentação do protagonista da pergunta

- Stevenson: filho de pastor metodista, curioso e provocador intelectual.
- Posição estratégica na sala, olhar observador.
- Pergunta detonadora: “Deus é substantivo concreto ou abstrato?”.

c) Primeiras reações e intervenções

- Sara responde com base na gramática.
- Anne entra no debate, trazendo o ponto de vista do tio ateu.
- Discussão inicial sobre físico x metafísico.

d) Ampliação da discussão

- George propõe metáfora tecnológica: Deus como realidade virtual.
- Madisson questiona a experiência sensorial da presença divina.
- Tommy afirma que Deus é invenção humana, comparando com mitos.

e) Conflito ideológico

- Sara expõe sua fé e papel de catequista.
- Anne e Tommy reagem, acusando preconceito religioso.
- Clima de tensão, argumentos se sobrepondo.

f) Clímax
- Debate intenso, múltiplas vozes, pontos de vista divergentes.
- Narrador destaca a densidade do momento e o embate entre fé e razão.

g) Desfecho
- Sinal toca e encerra a aula abruptamente.
- Sara tenta finalizar com cordialidade.
- Stevenson, Anne, Tommy, George e Madisson saem carregando reflexões.

h) Epílogo reflexivo
- Ninguém "matou" Deus, mas questionamentos foram fortalecidos.
- Cada personagem sai transformado pela experiência do debate.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada permitiu observar, de forma concreta, o potencial da Inteligência Artificial, representada pelo ChatGPT, como ferramenta de produção textual em contextos acadêmicos e literários. O exercício de criar uma crônica que combinasse marcas estilísticas de dois autores de relevância ímpar — Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade — demonstrou que, quando munida de instruções claras e precisas, a IA é capaz de gerar textos com coerência interna, consistência narrativa e traços estilísticos reconhecíveis.

O processo revelou também que a qualidade do produto final depende, em grande medida, da competência do usuário em formular prompts bem estruturados, capazes de orientar a IA para o resultado desejado. Em outras palavras, o domínio da linguagem, a clareza de objetivos e a consciência do público-alvo não deixam de ser atributos humanos essenciais para o êxito da interação homem–máquina.

No plano estético, a crônica analisada confirma que a IA consegue não apenas reproduzir padrões linguísticos, mas também articular elementos narrativos, descritivos e argumentativos de maneira a evocar atmosferas, perfis psicológicos e tensões dramáticas próximas das propostas originais dos autores de referência. Ainda que não substitua a sensibilidade criativa e a vivência individual do escritor, a IA pode se configurar como colaboradora potente em oficinas de escrita, projetos educacionais e experimentos estilísticos.

Cabe ressaltar que o uso de recursos de IA no ensino e na pesquisa literária não deve ser encarado como ameaça à autoria ou à originalidade, mas como oportunidade de repensar práticas, ampliar repertórios e explorar novas formas de mediação textual. A literatura, enquanto arte de interrogar a realidade e inventar mundos, encontra nessas tecnologias mais um interlocutor — instigante, desafiador e, sobretudo, dependente da condução ética e criativa de quem o utiliza.

Por fim, é importante dizer que este estudo não teve como objetivo esgotar as possibilidades de utilização do ChatGPT nos processos de produção e (re)escrita de textos, mas sim apresentar reflexões iniciais e exemplificativas sobre seu potencial. Consi-

dera-se que a temática ainda oferece um vasto campo para investigações, especialmente no que se refere à integração de ferramentas de inteligência artificial em diferentes gêneros e contextos de produção textual.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1991.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.